

A MESTRIA DO POETA LÍRICO: NOTAS SOBRE HORÁCIO (8)

Ode 1.11

1. Texto

*Tu ne quaesieris, scire nefas, quem mihi, quem tibi
finem di dederint, Leuconoe, nec Babylonios
temptaris numeros. Vt melius quidquid erit pati.
Seu pluris hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam
quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare
Tyrrhenum, sapias, uina liques et spatio breui
spem longam reseces. Dum loquimur, fugerit inuida
aetas. Carpe diem quam minimum credula postero.*

2. Tema

Esta será, porventura, uma das mais breves composições poéticas de Horácio. A sua arquitectura interna, talvez por isso mesmo, é sabiamente urdida, praticamente sem mácula; cada palavra possui um peso específico e detém um lugar determinante para a harmonia e o significado do conjunto. Nada parece ter sido deixado ao acaso: a progressão é rápida e sem vacilações, mas serena, até que o conjunto desemboca, no derradeiro verso, em uma das mais conhecidas máximas horacianas, o célebre *carpe diem*.

O tema, convenhamos, não é novo; é, aliás, recorrente na poesia do Venusino: a fugacidade do tempo, a urgência de viver o presente, de o fruir na sua plenitude.

Caminheemos, porém, ao compasso dos passos do poeta.

Abre a ode com o sentimento da incerteza em relação ao futuro. Inútil será tentar sondar os desígnios dos deuses e antever o dia de amanhã. Mais do que inútil, é um quase sacrilégio, um acto nefasto ou, talvez melhor, nefando, com toda a carga que o vocábulo latino *nefas*, de difícil tradução, traz consigo.

Jamais saberemos, pois, se o Inverno que vivemos é o derradeiro ou se outros mais nos estão reservados pelos fados. Não por acaso, decerto, é do Inverno que se fala; o Inverno que, em Horácio, obriga o homem à

serenidade, ao recolhimento, ao sossego da sua casa; o Inverno, também, que acomete de fraqueza o mar enfurecido, ante o poder inquebrantável da penedia.

Diante de tal incerteza, poderia o poeta reagir, como muitos, com angústia, com perplexidade, com ansiedade, com desfalecido desalento. Mas não. O que sobra desta consciência da pequenez do homem ante os ditames do destino é uma espécie de melancolia serena, onde se alicerça a trave-mestra de uma máxima de vida, *carpe diem*, não sem antes sublinhar a serenidade, sem excessos, dos prazeres do quotidiano, como a fruição do vinho, tão comum neste poeta. Esta resposta, todavia, não traduz as marcas de um qualquer hedonismo desmedido ou destemperado, nem essa é, nunca, uma característica da poesia horaciana; esta resposta significa, tão-somente, o apego ao fluir sereno da vida, “sem desassossegos grandes”, como diria o português Ricardo Reis.

Este *carpe diem* horaciano não é, portanto, filho de um qualquer pessimismo militante ou de acessos de frustração que a leitura da fugacidade do tempo facilmente ditaria. O *carpe diem* nasce dessa consciência de que o tempo, o velho *Chronos* dos Gregos, o deus que devora os filhos, é tão implacável quanto incerto; nasce de um olhar atento sobre as encruzilhadas da vida e sobre a transitoriedade que delas é emblema; nasce de um inequívoco sentimento de instabilidade diante dos golpes da Fortuna. Essa instabilidade, porém, essa transitoriedade, esse sentido do efémero apontam, na filosofia horaciana, um rumo, eivado da serenidade própria do sábio: aprender a “colher” o tempo (o verdadeiro sentido do imperativo *carpe*); aprender a colher, ousaríamos interpretar, cada dia no seu dia, o que significa não adiar o tempo e suas escolhas, mas também não o antecipar ou precipitar. Colher, digamos, cada tempo no tempo que é o seu.

Não se fica por aqui o poeta, pois a máxima *carpe diem* não encerra o último verso do poema, antes é dele o seu pórtico. *Carpe diem quam minimum credula postero* – entende o poeta ser avisado levar mais longe o conselho, numa espécie de redundância que só aparentemente o é: “colhe o dia, quão menos fiada possível no amanhã”. Não basta, portanto, fruir o tempo no tempo certo, colher o dia no seu dia. Não vá a hipotética destinatária descurar guardas e desguarnecer a vigilância, acrescenta ser inútil, despropositada, estulta, a confiança no futuro.

3. Estrutura

Como atrás se disse, cada palavra possui aqui o seu peso específico, cada verso ocupa um lugar especial nesta espécie de microedifício de apenas oito versos.

A progressão é, por assim dizer, linear.

Os primeiros três versos são marcados pelas negativas *ne... nec*, que acentuam a proibição que pretendem veicular.

Em pleno terceiro verso, uma pausa explicativa – *ut melius quiquid erit pati* – faz a transição para uma segunda parte, afirmativa, exortativa.

Os versos 4 e 5, de carácter disjuntivo, introduzem essa exortação, que surge, em crescendo, desde o verso 6 até ao verso 8.

Pelo meio, nova pausa explicativa, no verso 7, a preparar o clímax do verso final.

Ou seja, em resumo:

1-2: exortação negativa (proibição).

3: pausa explicativa.

4-5: transição (introdução).

6-7: exortação.

7-8: pausa explicativa.

8: exortação final.

4. Notas

Tu ne quaesieris: a abertura na segunda pessoa interpela directamente a destinatária (o leitor?). *Tu*, a abrir, remete-nos para um plano de advertência directa, a que não podemos furtar-nos. O carácter abrupto da abertura é reforçado pela proibição, com um segundo monossílabo, *ne*, que com o pronome pessoal de segunda pessoa faz um par de efeito interpelativo inegável. O verbo, logo depois, *quaesieris*, ao mesmo tempo que explicita o sentido de *tu* e de *ne*, como que fechando o ciclo inicial, abre a porta ao resto do poema.

Quem mihi, quem tibi finem dederint: a articulação interna do conjunto de palavras que dependem de *quaesieris* é cuidada e justifica atenção especial. Merece realce o paralelismo rítmico *quem mihi, quem tibi*; como convém destacar a posposição do referente *finem*, depois do pronome *quem*, a admitir, até, estarmos na presença de uma tmese (*quemquem mihi [et] tibi*). *E*, finalmente, *dederint*, expressivo perfeito do conjuntivo que, além de acentuar a dúvida que pretende transmitir, ecoa, ainda, o proibitivo *quaesieris* do verso inicial.

Leuconoe: só depois, já o segundo verso vai a meio, surge o nome da destinatária, Leucónoe, “a de alvo pensar”, nome fictício, porventura, mas nem por isso menos expressivo de uma certa candura que quadra bem com todo o texto.

Nec Babylonios temptaris numeros: o pensamento torna-se, agora, mais fluente, depois do impacto inicial. O tempo verbal mantém-se (*temptaris*, por *temptaueris*), a reforçar a proibição da abertura. *Babylonios numeros* – “cálculos babilónicos”, isto é, os rituais de adivinhação próprios dos áugures, de influência babilónica.

Vt melius quiquid erit pati: a admitir-se a tmesse no verso primeiro, surge aqui o indefinido sem fracturas, a manter a presença, ao longo de todo o texto, daquele verso inicial. É uma pausa, por outro lado, que permite respirar da vertigem rápida dos primeiros versos e, ao mesmo tempo, explicá-los.

Seu pluris hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam: uma vez mais, o paralelismo rítmico mantém-se, tal como se mantém o ritmo da progressão: *seu... seu*, em sugestiva anáfora (que insiste na força dos monossílabos, bem expressiva ao longo do poema) e, depois, *pluris hiemes... ultimam*.

Sublinhe-se, logo depois, a arte da projecção do verso 4 para o verso 5, de notável efeito, tanto mais que é a única forma de dar sentido ao relativo *quae* que abre este.

Quae nunc...: nova pausa explicativa, a introduzir um momento de acalmia, antes do crescendo final. E, de novo, uma artificiosa projecção, a qual, aliás, é uma das características de toda a ode (*tibi / finem; Babylonios / temptaris numeros; ultimam / quae; mare / Tyrrhenum; inuida / aetas*).

Sapias, uina liques et spatium brevui spem longam reseces: a sucessão de dúvidas, que reflectem, como se disse, a consciência do efémero, do precário, desemboca numa sucessão de imperativos, os quais se contrapõem, obviamente, às proibições iniciais. A *ne quaesieris* e a *nec temptaris*, de facto, respondem *sapias... liques... reseces*, conjuntivos exortativos, com a força de imperativos. Sublinhe-se, por outro lado, a hábil e expressiva antítese *spatium brevui spem longam*, a que o predicado *reseces* confere força especial.

Tais conjuntivos/imperativos são concisos, martelados, digamos, o que significa que não são menos interpelativos do que os conjuntivos iniciais. Como se outra saída não houvesse (e haverá?), remete o poeta para os prazeres serenos de uma existência avessa ao desassossego e à intranquilidade: o vinho, bebido com moderação, pois essa é a leitura de *liques* (escandir o vinho, ou, se se preferir, “cortá-lo”, com água), verbo que

tem o seu reflexo, logo depois, em *reseces*, assim se sublinhando que os excessos da esperança devem ser temperados, tal como os do vinho puro.

Carpe diem: o imperativo retoma os anteriores *sapias... liques... reseces* e, com eles, responde à proibição dos primeiros versos. É, de algum modo, o corolário de todo o poema e da doutrina em que se consubstancia e a síntese das advertências, quer as que foram veiculadas através da negação/proibição, quer as que na exortação se traduziram. Destaque especial merece o carácter sintético deste par inicial do verso derradeiro, a responder, de alguma forma, a idêntica imprecação do primeiro verso (*tu ne quaesieris*). Da proibição ao conselho e à exortação foi, pois, uma breve viagem. O ciclo, agora, praticamente se fecha.

Quam minimum credula postero: não sem uma explicação final. O *carpe diem* horaciano parece não bastar-se a si próprio; ou parece, talvez, que o poeta não tem confiança bastante na sua exortação. Daí o reforço, numa opção estética que, também ela, merece especial destaque: não consente o poeta que o seu texto se conclua na fruição do hoje; e encerra-o, enigmáticamente, não obstante todas as dúvidas, com a palavra que aponta, apesar de tudo, um rumo de futuro – *postero*, “amanhã”.

5. Tradução

Tu não perguntes (nefasto é sabê-lo), que fim me destinaram, que fim te destinaram, ó Leucónoe, nem a cálculos babilónicos te atrevas. Como será bem melhor suportar o que quer que sobrevenha! Quer muitos sejam os Invernos que Júpiter te concedeu, quer seja o último este que, agora, faz esmorecer, ante a firmeza dos penedos, o mar Tirreno, busca a sabedoria, escande o vinho e, em breve espaço, corta esperanças longas. Enquanto falamos, esvai-se, invejoso, o tempo. Colhe o dia, quanto menos confiada possível no amanhã.

CARLOS ASCENSO ANDRÉ